

DESLOCAMENTOS E MEDIAÇÕES



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO

MARCOS STEFANI – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA

OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Claudia Poncioni e Orna Levin
(org.)

DESLOCAMENTOS E MEDIAÇÕES

A CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA
DOS IMPRESSOS (1789-1914)

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

D462 Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914) / organização Claudia Poncioni e Orna Levin. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

1. Livros e leitura – História. 2. Viagem na literatura. 3. Literatura infante-juvenil. 4. Teatro. 5. Brasil – Relações Internacionais – França. I. Poncioni, Claudia. II, Levin, Orna

CDD - 028.9
- 809.93
- 028.5
- 792
- 327.81044

ISBN 978-85-268-1478-3

Copyright © Claudia Poncioni e Orna Levin (org.)
Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

Esta publicação conta com o apoio da Fapesp (processo n. 2018/06579-4)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

Os estudos reunidos neste volume foram desenvolvidos no âmbito do projeto de cooperação internacional “Circulação transatlântica dos impressos – A globalização da cultura no século XIX”, que contou com a participação de inúmeros pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Vinculados a diferentes centros e instituições, os investigadores trabalharam em parceria, ao longo dos últimos cinco anos, para tentar aprofundar o conhecimento disponível sobre as conexões culturais entre a Inglaterra, a França, Portugal e o Brasil. A equipe se debruçou sobre uma variedade de objetos e fontes, elegendo pontos de articulação. Na busca de interações e cruzamentos, estabeleceu-se um diálogo intenso, por vezes exaustivo, mas bastante profícuo, que proporcionou a todos avanços e transformações. Os pontos de intersecção entre as pesquisas são, sem dúvida, fruto dessa cooperação generosa, a partir da qual foi possível um enriquecimento mútuo.

Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, a Jean-Yves Mollier e Márcia Abreu, coordenadores do grupo de pesquisa, que com entusiasmo permanente souberam guiar os trabalhos e incentivar os debates, apontando sempre caminhos de reflexão e sugerindo propostas inovadoras. Sem essa liderança, a integração da equipe teria sido, certamente, mais difícil. A Roger Chartier, pelas leituras atentas dos manuscritos e pela interlocução inspiradora. A Maria João Brilhante e Diogo Ramada Curto, pelas intervenções que tanto contribuíram para a melhoria de nossas análises. Aos demais colegas do projeto, que tornaram o trabalho em equipe, ao mesmo tempo, instigante e prazeroso: Adelaide Machado, Alexandro Henrique Paixão, Ana Cláudia

Suriani, Ana Gomes Porto, Daniela Mantarro Callipo, Daniel Melo, Eliana Dutra, Graça dos Santos, Ilana Heineberg, James Raven, João Luís Lisboa, José Santos Alves, Juliana Maia de Queiroz, Júlio Rodrigues da Silva, Katia Aily Franco de Camargo, Leandro Thomaz Almeida, Leonardo Mendes, Leopoldo Bernucci, Lúcia Granja, Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Luiz Carlos Villalta, Maria Eulália Ramicelli, Maria Lucia Dias Mendes, Mariana da Silva Lima, Mariana Osue Ide Sales, Marisa Lajolo, Marisa Midori Deaecto, Paulo Mota Oliveira, Pedro Paulo Catharina, Rogério Monteiro, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Tânia de Luca, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, Teresa Payan Martins, Valéria Augusti, Valéria Guimarães, Vanda Anastácio, Wiebke Röben de Alencar Xavier.

Gostaríamos de agradecer também aos estudantes de graduação e de pós-graduação, aos bolsistas, técnicos e profissionais que colaboraram conosco de maneira eficiente e incansável durante todos esses anos. Eles foram tanto essenciais quanto numerosos, por isso seria impossível nomeá-los individualmente. Expressamos aqui nossa gratidão, na certeza de que a colaboração de cada um foi fundamental e inesquecível.

Esse projeto coletivo tampouco teria se tornado viável sem o apoio institucional e o suporte financeiro que recebeu. Gostaríamos de agradecer o generoso financiamento concedido pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), assim como os auxílios complementares recebidos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), da Universidade de Lisboa (UL), da Universidade Nova de Lisboa (Nova), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) e da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3.

Igualmente significativos foram os apoios recebidos de arquivos e bibliotecas, que se encontram referidos nos capítulos que seguem. Gostaríamos de dirigir um agradecimento à Biblioteca Sainte-Geneviève e à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e, em especial, a Vera Lucia Garcia Menezes dos Anjos e Irineu Eduardo Jones Correa, pela parceria.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA: CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS IMPRESSOS – A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA NO SÉCULO XIX – <i>Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier</i>	9
---	---

APRESENTAÇÃO: PESSOAS EM TRÂNSITO, IMAGENS EM CONSTRUÇÃO – <i>Claudia Poncioni e Orna Levin</i>	15
--	----

PARTE 1 – TRÂNSITOS E RECRIAÇÕES

1. DA AMÉRICA PARA A EUROPA: A MEDIAÇÃO DO TRADUTOR NA CIRCULAÇÃO DAS OBRAS – <i>Jacqueline Penjon</i>	31
2. DE VIAGENS, RELATOS E LIVROS: FERDINAND DENIS ENTRE A FRANÇA E O BRASIL (DIÁRIOS E CORRESPONDÊNCIAS) – <i>Claudia Poncioni</i>	65
3. APROPRIAÇÕES E RELEITURAS DE RELATOS DE VIAGEM: O ABANDONO DE GAETANO OSCULATI RELATADO POR FERDINAND DENIS E VICTOR CHAUVIN – <i>Brigitte Thiérion</i>	93
4. UM JOGO DE ESPELHOS: REPRESENTAÇÕES DO “HOMEM DE LETRAS” ENTRE A EUROPA E O BRASIL (1840-1889) – <i>Sébastien Rozeaux</i>	133

PARTE 2 – LEITURAS E ENTRETENIMENTO

5. UM BRASIL PARA DIVERTIR OS FRANCESES: “VOYAGE AU BRÉSIL” E <i>DEUX ANNÉES AU BRÉSIL</i> , DE FRANÇOIS-AUGUSTE BIARD – <i>Giselle Martins Venancio</i>	159
--	-----

6. O BRASIL NA EDIÇÃO JUVENIL FRANCESA OITOCENTISTA – <i>Andréa Borges Leão</i>	193
7. VISÕES DO BRASIL NA IMPRENSA FRANCESA (1831-1832) – <i>Isabel Lustosa</i>	221

PARTE 3 – ESPETÁCULOS E DISSEMINAÇÕES

8. EM TORNO DA CENA: TEXTOS E ESPETÁCULOS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO – <i>Orna Levin</i>	243
9. A ARTE DA PARÓDIA: CIRCULAÇÕES E ADAPTAÇÕES DA OBRA DE OFFENBACH NO BRASIL – <i>Anaïs Fléchet</i>	273
10. PEQUENOS TEATROS, PEQUENA IMPRENSA: OFFENBACH NA REVISTA <i>BA-TA-CLAN</i> – <i>Jean-Claude Yon</i>	303
SOBRE OS AUTORES.....	329
ÍNDICE REMISSIVO.....	333

NOTA INTRODUTÓRIA
CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS
IMPRESSOS – A GLOBALIZAÇÃO DA
CULTURA NO SÉCULO XIX

Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier

Engana-se quem pensa que a globalização é uma novidade do nosso tempo. Frederick Cooper, um ferrenho crítico da globalização de cunho neoliberal em curso no século XX, mostra claramente a existência de conexões planetárias há centenas de anos, desde, por exemplo, o Império Mongol, que, no século XIV, se estendia da China à Europa Central.¹ As viagens marítimas, realizadas a partir do século XVI, ampliaram ainda mais as terras em contato, interligando partes da Ásia, da América, da África e da Europa, como mostra Serge Gruzinski.² Os historiadores Kevin H. O'Rourke e Jeffrey G. Williamson acreditam que o grande salto para a constituição de um mercado integrado de bens, trabalho e capital ocorreu na segunda metade do século XIX, e avaliam que os mercados mundiais estavam quase tão bem interligados na década de 1890 como na de 1990.³ Esse crescente movimento de integração planetária foi dramaticamente interrompido com as duas grandes guerras mundiais e ainda mais abalado com a Guerra Fria.

Por isso, o “longo século XIX”, na feliz expressão de Hobsbawm,⁴ pode ser mais bem compreendido se forem consideradas as intensas trocas entre

1 Cooper, 2001, pp. 189-213.

2 Gruzinski, 2004, 2012.

3 Cooper, 2001, p. 194.

4 O “longo século XIX” compreende o período entre a década de 1780 (marcada pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa) e 1914 (com o início da Primeira Guerra Mundial). Ver Hobsbawm, 1962, 1975, 1987.

diferentes partes do globo. Elas foram favorecidas por transformações técnicas como a ampliação da rede ferroviária, o desenvolvimento dos transportes marítimos, a criação da telegrafia elétrica, a introdução da prensa a vapor e a mecanização da fabricação de papel. Foram também beneficiadas pela significativa ampliação no número de leitores, devido ao crescimento demográfico, ao aumento das concentrações urbanas e à expansão dos sistemas educacionais. Editores, livreiros e empresários teatrais souberam tirar partido dessa situação, procurando alargar o mercado de compradores de livros, jornais e revistas, bem como atingir espectadores em regiões muito distantes de seus locais de origem. Souberam, também, buscar as melhores condições tipográficas e econômicas para a impressão de obras, descentralizando, de maneira notável, os polos da composição dos escritos, da impressão dos textos e da venda dos livros. Essas conexões eram também favorecidas pelo intercuro de letrados, que mantinham intensas trocas culturais, seja pessoalmente, seja por meio de seus escritos.

Trata-se de uma época particularmente interessante, pois, ao mesmo tempo em que se intensificavam as articulações comerciais e culturais, ocorriam processos de constituição de Estados nacionais independentes, com a afirmação das peculiaridades locais como alicerce da soberania política. Entretanto, esses movimentos não se fizeram como fenômenos restritos ao interior das fronteiras de cada país, mas como parte de um conjunto de trocas e contrastes (políticos, econômicos, culturais e sociais) com outras nacionalidades. Como ressaltam Michel Espagne e Michael Werner, “a própria definição do que é uma literatura nacional é praticamente impossível sem o recurso continuado a elementos de culturas estrangeiras”.⁵ Ou, como lembra Anne-Marie Thiesse, “nada pode ser mais internacional do que a formação das identidades nacionais”.⁶

O conceito de circulação afeta diretamente a ideia de fechamento sobre um território, especialmente quando se consideram os territórios nacio-

5 Espagne & Werner, 1994, p. 7.

6 Thiesse, 2001.

nais. As pesquisas aqui reunidas deixaram claro que as fronteiras nacionais não são um empecilho para o trânsito de livros, revistas, espetáculos e impressos em geral. Revelam também que as noções de centro e periferia são pouco apropriadas. Se a França é reconhecida por todos como lugar de produção das obras mais valorizadas e apreciadas, como ponto de passagem importante para a produção de traduções, como lugar relevante para a impressão de livros, são evidentes também os esforços para tornar produções de fora conhecidas e apreciadas na França, seja por iniciativa governamental, seja por decisões editoriais e comerciais. Mas, quando se consideram as relações entre outros lugares que não a França, como, por exemplo, Portugal e Brasil, vê-se que havia outros centros e eles nem sempre eram fixos. A antiga colônia destaca-se em diversos aspectos, como na rapidez na produção de traduções de romances folhetinescos ou na quantidade de leitores. Assim, não há um centro fixo nem uma periferia absoluta, como um fim de linha da cadeia de transmissão da cultura. Há múltiplos centros e eles não ocupam pontos fixos. Por isso, o conceito de circulação é tão apropriado, pois ele enfatiza a ideia de movimento e não estabelece lugares fixos de partida e de chegada.

Essa complexa situação é descrita e analisada nos três volumes que compõem a coleção *Circulação Transatlântica dos Impressos – A Globalização da Cultura no Século XIX*, fruto de trabalhos desenvolvidos no projeto homônimo por uma equipe internacional de pesquisadores.⁷ As investigações observam os atores das trocas entre os países (livreiros, editores,

7 O projeto, desenvolvido por pesquisadores do Brasil, da França, de Portugal e da Inglaterra, teve início em 2010 e contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), da Universidade de Lisboa (UL), da Universidade Nova de Lisboa (Nova), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) e da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Há mais informações sobre o projeto no *site* <<http://www.circulacaodosimpresos.iel.unicamp.br/>> e no diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

diretores de revistas, escritores, tradutores, críticos, trupes teatrais), assim como as instituições e os espaços onde elas ocorriam (bibliotecas, gabinetes de leitura, redações de jornais e revistas), dando especial atenção à circulação de letrados, bem como de romances, periódicos e espetáculos teatrais.

Os 37 trabalhos reunidos na coleção analisam o processo de difusão das culturas francesa, portuguesa, brasileira e inglesa em escala transatlântica, num momento de supremacia econômica inglesa e de nítida preponderância cultural francesa; explicam a ação dos diversos mediadores que tornaram as trocas culturais possíveis e refletem sobre a maneira pela qual a constituição da nacionalidade brasileira se processou em interação com impressos, editores e livreiros estrangeiros. Eles esclarecem os múltiplos circuitos percorridos pelos impressos e medem a velocidade com que publicações, pessoas e ideias circulavam, revelando a existência de importante sincronia no interesse por determinadas obras em distintos pontos da Europa e do Brasil.

Embora a cultura letrada não estivesse igualmente distribuída, tendo em vista a proeminência de Inglaterra e França na produção e na difusão de livros, a perspectiva adotada nessa coleção não coloca esses países como baliza de toda a produção cultural ou como referência para avaliação e análise daquilo que ocorria no restante do mundo. Ao contrário, presta-se atenção, por exemplo, aos esforços de divulgação da cultura brasileira no exterior, ao mesmo tempo em que se observam as diligências feitas por escritores, editores e empresários europeus para difundir sua produção para públicos cada vez mais amplos, a fim de consolidar sua relevância e ampliar seus lucros. Observam-se, assim, a permeabilidade entre as culturas e a interdependência entre os países.

Desse modo, perdem relevância as ideias de imitação e de atraso cultural, que resultam da supervalorização de algumas das nações mais desenvolvidas da Europa e de uma falta de atenção aos modos específicos de produção da cultura letrada nas diferentes partes do globo, seus fluxos e conexões, que são muito mais intensos do que normalmente se supõe. Evitando tanto o eurocentrismo quanto o exotismo, enfatiza-se a ideia de *circulação*,

pois o que interessa é observar o movimento *entre* a Europa e o Brasil, e não o fluxo de ideias e mercadorias *da* Europa *para* o Brasil. Ou seja, interessa pensar mais em termos de conexão do que de dependência cultural, mais em termos de apropriação do que de influência. Propõe-se, assim, uma compreensão mais acurada da cultura oitocentista, explicada em suas complexas relações transnacionais.

BIBLIOGRAFIA

- COOPER, Frederick. "What is the concept of globalization good for? An African historian's perspective". *African Affairs*. Oxford, 100/399, 2001, pp. 189-213.
- ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael (org.). "Avant-propos". *Qu'est-ce qu'une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1994 (Philologiques, III).
- GRUZINSKI, Serge. *Les quatre parties du monde – Histoire d'une mondialisation*. Paris, Éditions de La Martinière, 2004.
- . *Laigle et le dragon – Démesure européenne et mondialisation au XVI^e siècle*. Paris, Fayard, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *The age of revolution, 1789-1848*. London/New York, Weidenfeld & Nicolson/World Publishing, 1962.
- . *The age of capital, 1848-1875*. London, Weidenfeld & Nicolson, 1975.
- . *The age of empire, 1875-1914*. London, Weidenfeld & Nicolson, 1987.
- THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales – Europe, XVIII^e-XIX^e siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2001.

APRESENTAÇÃO

PESSOAS EM TRÂNSITO, IMAGENS EM CONSTRUÇÃO

Claudia Poncioni e Orna Levin

A existência de uma rede mundial de relações e interdependências que, já a partir da década de 1780, daria origem ao que se convencionou chamar de “o mundo moderno” fica evidenciada em vários estudos, dentre eles a obra de Christopher Alan Bayly *The birth of the modern world*.¹ Nela, o autor resalta o vínculo ambivalente entre o mundial e o local, o geral e o particular, mostrando como, durante o “grande século XIX”, toda história local, regional e nacional se imbricava com a global. Esse fenômeno é particularmente marcante no que diz respeito à circulação dos impressos que, ultrapassando as fronteiras geográficas, culturais e linguísticas, conferiu uma dinâmica transnacional aos processos de criação material e simbólica. Impressos e ideias viajaram entre Europa e demais continentes em proporções até então inéditas, intensificando os intercâmbios mútuos. Jornais, livros e revistas veicularam representações simbólicas por diferentes territórios, perfazendo rotas de mão dupla. Zonas de contato foram estabelecidas em diferentes planos, o que torna impossível estudar esse processo histórico sem considerar a existência de importantes cruzamentos materiais e imateriais.

A consciência de que as influências foram mútuas, embora graduadas diferentemente, é essencial para o conhecimento das relações que se forjaram no século XIX. Como lembra Serge Gruzinski, “as pistas de uma história cultural descentrada, atenta ao grau de permeabilidade dos mundos e

¹ Bayly, 2004.

aos cruzamentos de civilizações, podem [...] se revelar fecundas [...]. Essa história cultural ampliada só assume todo o sentido num âmbito mais vasto capaz de explicar, mais além das ‘histórias compartilhadas’, como e a que preço os mundos se articulam”.²

Nessa perspectiva, os portos adquirem um novo relevo, na medida em que se tornaram portas de entrada e saída não apenas de indivíduos e mercadorias, mas também de ideias, gostos e modas. No século XIX, o trânsito de pessoas, sobretudo de homens livres, passou a suplantar as migrações forçadas, como a de degredados, vítimas de perseguições religiosas e africanos escravizados. A ação repressora dos navios de guerra ingleses contra o tráfico negreiro no Atlântico, diminuindo o fluxo de cativos entre o litoral africano e o americano, incentivou a substituição da mão de obra escrava pela mão de obra livre. Paralelamente, a instabilidade política na Europa e a formação dos Estados nacionais motivariam ondas migratórias espontâneas, intensificando o fluxo de pessoas livres entre o Velho e o Novo Mundo.

Constituíram-se os portos em polos de atração de jovens que procuravam aventuras além-mar para viver e para contar. Dentre os viajantes jovens, figuram letrados e artistas que iriam escrever e retratar suas descobertas e experiências pessoais, tecendo redes de contato entre as partes do mundo. Todavia, tais redes não se criaram apenas no seio das elites letradas ou no âmbito de relações institucionais entre os países. Os contatos existiam igualmente entre comerciantes e artesãos que mantinham laços profissionais, familiares ou de amizade capazes de vencer as distâncias. Instala-se assim uma atmosfera geral favorável a inovações de todo tipo, que, junto com o progresso técnico, promoveriam o progresso social que a Europa levaria aos recantos mais distantes do planeta.

2 “Les pistes d’une histoire culturelle décentrée, attentive au degré de perméabilité des mondes et aux croisements de civilisations, peuvent également [...] se révéler fécondes [...]. Cette histoire culturelle élargie ne prend tout son sens que dans un cadre plus vaste capable d’expliquer, au-delà des ‘histoires partagées’ comment et à quel prix les mondes s’articulent” (Gruzinski, 2004, p. 34).

O século XIX é conhecido como o período durante o qual as partes em branco nos mapas de terras distantes foram sendo progressivamente preenchidas. É nele que se afirma uma nova ciência: a geografia. Mapeando as riquezas do mundo, a geografia constitui-se num instrumento de ponta da penetração europeia na totalidade do globo. As expedições por terras pouco conhecidas deixam de ter um caráter meramente científico e passam a repertoriar os recursos e riquezas a serem explorados. Relatos de viagem entram na moda, sendo devorados no mundo inteiro por adultos e crianças, em língua original ou em traduções. Com a voga da literatura de viagem, o gosto pelo exotismo, até então distante e acessível apenas a alguns, penetra nos lares, formatando imaginários capazes de resistir até quando confrontados com a realidade. São os pilares de estereótipos que perduram até os dias de hoje.

É justamente sobre esses trânsitos e representações que se debruçam os estudos do presente livro, mais particularmente sobre as peculiaridades da inserção do Brasil nas articulações globais no século XIX. Os variados acontecimentos históricos que marcaram os países europeus, em especial a França e Portugal, tiveram repercussões claras na vida daqueles que viviam ou passaram a viver na antiga colônia lusitana. Sua capital, e também seu principal porto, tornou-se *de facto* a capital do Império português, antes mesmo de ser elevada à condição de capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. De cidade colonial tacanha, o Rio de Janeiro, em 1808, com a chegada da Família Real, passou a ser o principal porto de entrada de passageiros e mercadorias estrangeiras no território. Porém a circulação de mercadorias se fez mais rapidamente do que a de indivíduos, cuja presença e cujo deslocamento permaneceram e permaneceriam sob controle rigoroso das autoridades portuguesas, mesmo após janeiro de 1808, data da abertura dos portos brasileiros aos navios de nações amigas. A título de exemplo, em 1800, por ocasião do longo périplo na América (1799-1804), o prussiano Humboldt não tinha logrado obter autorização para adentrar a Amazônia portuguesa, e, mais tarde, o naturalista Auguste de Saint-Hilaire, durante a estadia brasileira, entre 1816 e 1822, não conseguiria visitar Mato Grosso.

Esse fechamento fazia com que, na França, as informações sobre o Brasil fossem muito lacunares. As poucas referências disponíveis provinham de raros viajantes autorizados a penetrar no interior do Brasil. A famosa “Missão Francesa”, de 1816, só facultaria um conhecimento limitado sobre a vida na capital fluminense e em seus arredores. A situação de distanciamento decorrente do prolongado período de dominação lusa se alteraria após a Independência do Brasil. Com a separação de Portugal e a conquista gradativa de estabilidade política no Segundo Império, as relações internacionais se intensificaram. Da parte dos europeus, o interesse pelo Brasil também se afirmou com a publicação de numerosos escritos e estudos específicos acerca do país.

Quanto à circulação de ideias, vale notar que o rígido controle exercido pela censura inquisitorial restringiu o acesso aos textos provenientes tanto da Europa quanto da América do Norte. Antes da criação da Imprensa Régia, as atividades tipográficas eram proibidas, tornando impossível qualquer tipo de trabalho de edição. Publicações de livros e jornais eram inexistentes até a década de 1810. No período da Independência, somente duas livrarias funcionavam no Rio de Janeiro e existia uma única coleção de volumes impressos, pertencentes à Biblioteca Real. A circulação de textos se multiplicaria no Império (1822-1889) graças à expansão da economia do livro (tipografias, livrarias, gabinetes e bibliotecas) e ao desenvolvimento da imprensa, que passou a acolher, cada vez mais, traduções de obras estrangeiras, sobretudo francesas.

A França, mesmo com a derrota definitiva de Napoleão em Waterloo, em 1815, continuava a ser a capital do planeta, tanto em relação ao debate de ideias, à arquitetura, à instrução, à literatura, como ainda em relação à moda, ao refinamento e ao “bom gosto”. Obras filosóficas francesas, obras técnicas de engenharia-arquitetura, livros didáticos, de poemas ou romances eram importados, vendidos ou até trocados, conforme atestam anúncios estampados nos jornais brasileiros. Engenheiros, marceneiros, bem como cabeleireiros e modistas, tipógrafos e livreiros franceses chegavam ao Brasil para atender a uma clientela para quem a França era a referência. Em con-

trapatida, a exportação de algodão do Nordeste brasileiro para alimentar as indústrias têxteis de Rouen, que produziam tecidos importados por comerciantes franceses instalados no Brasil, para atender à demanda das damas da alta sociedade, fazia com que nomes como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro fossem conhecidos até em pequenas aldeias da França. A atração pelas promessas de vida melhor num trópico já conhecido, em função das trocas de cartas ou dos livros, alimentava os sonhos de franceses e francesas, que acabaram por constituir colônias importantes em Pernambuco e na Bahia, que abrigavam representações consulares.

No Rio de Janeiro, onde os embaixadores se sucediam ao ritmo da valsa das mudanças políticas da França, a colônia chegou a contabilizar cinco mil residentes já na primeira metade do século XIX. Se alguns expatriados buscavam exílio temporário fugindo às perseguições e reviravoltas políticas na França, outros, como foi dito, se aventuravam motivados quer por questões de ordem financeira, quer em busca de melhores oportunidades profissionais, quer para impulsionar os negócios. A mobilidade dos que se transferiram (temporária ou definitivamente) para a capital encontrou correlatos na demanda exponencial por produtos e serviços franceses, que se manifestava vigorosa nos setores de abastecimento, educação e cultura.³ E, no que toca ao ramo das livrarias e tipografias, já há dados atestando a importância dos imigrantes franceses na importação e na divulgação de obras impressas.⁴

É nesse panorama geral que se situam os ensaios desenvolvidos no âmbito do projeto coletivo “Circulação transatlântica dos impressos – A globalização da cultura no século XIX” e reunidos no presente volume. Propõem-se a analisar o circuito das trocas culturais estabelecido no eixo Europa-Brasil. Distribuídos em três partes, discutem a difusão das referências europeias no Brasil e a construção de imagens do Brasil na Europa, chamando

3 Lenharo, 1977.

4 Sobre livreiros e editores, ver os estudos recentes de Lucia Maria Bastos P. Neves e Tania Maria Bessone da C. Ferreira em Granja & Luca, 2018, p. 81. Ver também Freyre, 1960; Poncioni, 2010.

a atenção para ações individuais empreendidas particularmente por viajantes, letrados, editores, jornalistas e artistas que promoveram a mediação entre culturas distintas, atuando como agentes das transferências de um contexto a outro, na perspectiva lançada por Espagne e Werner.⁵

O primeiro conjunto de estudos agrupados sob a designação de “Trânsitos e recriações” aborda por ângulos distintos os desdobramentos decorrentes da presença de franceses no território brasileiro. A passagem deles propiciou a formação de redes de letrados estrangeiros que se interessavam pelo Brasil, criando conexões que viriam a se refletir em publicações futuras em ambos os países. Mediadores, *passeurs* ou “homens duplos”, como propôs Christophe Charle,⁶ eles foram agentes de transmissão de objetos e ideias que, atravessando fronteiras ou campos, ganharam novas configurações semânticas, metamorfoseando-se.

Esse processo de transferências culturais pode ser observado, por exemplo, nas recriações praticadas nas traduções adaptadas de obras de autores brasileiros para o francês. É o que mostra o capítulo de Jacqueline Penjon, “Da América para a Europa: A mediação do tradutor na circulação das obras”. Nesse caso particular, os tradutores franceses Monglave e Chalas transformaram dois poemas setecentistas (*Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão) em textos em prosa, de modo a aproximá-los ao gênero romanesco, tornando-os mais atraentes para o público leitor. A publicação de *Marilie*, em 1825, e de *Caramuru*, em 1829, teve repercussões tanto na Europa quanto no Brasil. O lançamento destes despertou a atenção de letrados franceses, que publicaram resenhas críticas em periódicos e livros. Assim, paradoxalmente, a primeira recepção crítica de tais publicações ocorreu na Europa, e não no Brasil. A tradução de *Caramuru* atraiu também o interesse de romancistas franceses que retomaram o tema em duas narrativas publicadas na primeira metade do sécu-

5 Espagne & Werner, 1987, pp. 969-992.

6 Charle, 1992, p. 73.